O DISCURSO JESUÍTICO A PARTIR DO BRASIL

Karem Fernanda da Silva Bortoloti[1]

Resumo: No presente artigo abordamos o discurso jesuítico a partir do Brasil, analisando a correspondência e outros textos produzidos pelos padres e irmãos que trabalharam nos momentos iniciais da missão brasileira. Ao resgatarmos o discurso dos jesuítas dos primeiros tempos da missão brasileira observamos as mudanças sofridas pelo discurso produzido pelos membros da Companhia de Jesus, a partir do contato mais direto com a sociedade colonial brasileira.
Palavras-chave: jesuítas, indígenas, degradação.

Abstract: In this article we will approach the Jesuit's speech, analyzing the correspondence and other texts produced by the priests and brothers that worked in the initial moments of the Brazilian mission. When referring to the Jesuits' speech from the beggining of the Brazilian mission, we observed changes made in the speech prepared by the members of Companhia de Jesus, from the direct contact with the colonial society of Brazil.
Key-words: jesuits, degradation, indigenous

Tomando como referência o discurso sobre o nativo brasileiro e as formas que deveriam ser assumidas pelo trabalho de sua conversão, o artigo será desenvolvido a partir da análise da documentação produzida pelos jesuítas nos momentos iniciais do trabalho da *Companhia de Jesus* no território colonial brasileiro. Analisaremos os textos produzidos pelos mais diversos membros da Ordem que chegaram ao território brasileiro a partir de 1549, na missão que trouxe os primeiros jesuítas liderados pelo Padre Manoel da Nóbrega. As cartas e escritos de Nóbrega, de Anchieta, de Azpilcueta Navarro, de Cardim, de Simão de Vasconcelos e de outros padres e irmãos que compunham os quadros da *Companhia* no Brasil tratam dos mais variados assuntos e são, dessa forma, significativos para caracterizar as primeiras impressões desses homens quanto ao indígena, à natureza, à habitação, às formas de ocupação do território, os impactos culturais e, principalmente, à transformação da figura do indígena, que, pouco a pouco, foi

[1] Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Estadual Paulista UNESP – Franca, mestre em História pela mesma instituição. Atualmente é membro do Grupo de Estudos em História e Filosofia da Educação (USP Ribeirão Preto) e Professora da UNICOC Ribeirão Preto – SP. E-mail: bortoloti@hotmail.com

se tornando o centro dos pensamentos e atitudes dos jesuítas.

De uma forma ou de outra, todos expressaram seus pontos de vista, que ficaram cada vez mais parecidos à medida que o contato com o indígena e seu cotidiano se tornava mais complexo. Apesar da busca de uma convivência harmoniosa e do esforço despendido no apostolado, os jesuítas mostraram-se homens de sua época, principalmente na mudança que ocorreu na forma de conceber o indígena e o trabalho catequético.[2]

Para melhor compreendermos as posições adotadas pelos jesuítas devemos considerar que seu pensamento em relação ao homem não europeu seguia os preceitos de Aristóteles, quando o mesmo afirmava que alguns homens possuem uma humanidade inferior, que são naturalmente bárbaros. A filosofia aristotélica impregnou o pensamento de Tomás de Aquino, um de seus principais difusores durante a Idade Média. Em virtude das leituras básicas para a formação dos padres jesuítas, no mundo cristão; bárbaro passou a ser sinônimo de pagão. A condição humana, portanto, estaria atrelada ao aspecto cultural cristão.

Dessa forma, o jesuíta já migrava para o Novo Mundo com uma visão preconcebida do índio, esse era um pagão que seria capaz de ver a luz divina apenas por intermédio das palavras contidas nas pregações jesuíticas (RAMINELLI, 1996, p. 55). O homem português que chegava às novas possessões já sabia previamente que encontraria bárbaros que necessitavam da presença da cultura dita "civilizada" e que qualquer forma de resistência deveria ser vista como uma agressão ao cristianismo.

A imagem dos nativos apenas em raros momentos foi vista de maneira positiva pelos colonizadores, que, pelo contrário, os pintaram mais como terríveis algozes do que como homens – mesmo homens em potencial. Essa visão dos colonizadores em relação aos nativos pode ser atestada pela própria vinda de religiosos para apresentar-lhes o caminho da salvação. Os nativos eram descritos como selvagens que

[2] Assim, a modificação apresentada pelo modo de pensar e agir aqui analisada é justificável, daí podermos afirmar que nosso trabalho tem como objetivo verificar como a não aceitação da fé católica por parte dos nativos brasileiros fez com que a posição dos jesuítas fosse mudando, cedendo lugar ao desânimo com o trabalho de conversão e a detração da natureza desses homens.

precisavam ser encaminhados a Deus e as descobertas foram, dessa forma, interpretadas como um sinal divino de que uma nova era iniciava-se, daí a grande movimentação da Igreja.

Nos momentos iniciais do estabelecimento dos jesuítas, as anotações por eles deixadas demonstram que estes acreditavam que a aparente docilidade dos nativos facilitaria a obra de conversão. As cartas evidenciam a vontade e a determinação que fizeram os missionários aceitarem tarefa tão difícil e surpreendente. A religiosidade e a moral católicas precisavam ser impressas nesse "papel em branco", como diria Nóbrega. Apesar do espanto, desde as primeiras horas de estada no território brasileiro, a vontade de conhecer o indígena e de catequizá-lo era grande.

No entanto, nos momentos de efetivação do trabalho, os jesuítas passaram a descrever seus sentimentos sobre o indígena brasileiro, demonstrando o desânimo quanto à obra de conversão e aculturação. Se, primeiramente, a evangelização chegou a parecer fácil, aos poucos, a prática da antropofagia, da poligamia, do nomadismo, da feitiçaria, as incessantes nudez e embriaguez, enfim, a persistência dos antigos costumes, começou a erigir uma barreira entre os jesuítas e os índios: cruzar essa fronteira era aproximar os nativos do modo de vida cristão, o que acabou se revelando possível, aos olhos dos missionários, apenas através da erradicação dos costumes tidos como "abomináveis".

Com o tempo e a convivência, o indígena passou a ser visto de uma forma ainda mais degradante do que as impressas pela concepção cristã européia de então, sendo concebido como um ser demoníaco e quase desprovido de caracteres humanos. Até meados do século XVI, as crônicas escritas pelos portugueses não concebiam o índio como demoníaco, mas apenas como um inocente que desconhecia o verdadeiro criador. A concepção do índio demoníaco aparece, no pensamento lusitano, apenas com os escritos jesuíticos, principalmente com o teatro de Anchieta (RAMINELLI, 1996, p. 154). Dessa forma, os padres e irmãos, por vezes, duvidaram da capacidade de converter o que já não era mais visto como inocente, perante tantos impedimentos.

Os escritos jesuíticos

Dentre os vários escritos legados pelos membros da *Companhia de Jesus*, as cartas podem ser consideradas a parte mais significa-

tiva, não apenas pela quantidade e conservação, mas, principalmente, pela riqueza das informações. Esses documentos tinham para os jesuítas, em primeiro lugar, o objetivo de transmitir aos superiores da *Companhia* que permaneciam em Roma, Lisboa, Coimbra, Évora ou outra localidade, informações sobre as características da nova terra e as ações cotidianas dos missionários e catecúmenos.

Como destacam muitos autores, entre eles Serafim Leite, Eisemberg e Roberto Gambini, a maior riqueza de informações aparece nas cartas que foram remetidas das localidades recém-descobertas, enquanto as cartas européias tinham antes o caráter instrutivo. Em virtude da significação atribuída pelos jesuítas à epístola, inúmeras cartas compõem o acervo deixado pelos padres e irmãos. No caso brasileiro, entre 1549 e 1610, mais de 600 cartas foram escritas, por mais de 100 missionários, para os companheiros que ficaram na Europa ou rumaram para outros lugares do mundo.

Como os primeiros viajantes, os membros da *Companhia de Jesus*, tiveram impressões oscilantes quanto ao modo de vida e características físicas dos ameríndios. Entretanto, buscaram, ao menos nos primeiros momentos, ressaltar seus pontos positivos. Sabiam que o trabalho seria árduo, mas a simplicidade do nativo facilitaria a conversão, fim último da estada no território colonial. A ausência de ídolos, de leis, de um poder político centralizado, a crença na origem comum da humanidade e o mito do homem selvagem contribuíram para respaldar a catequese e fortalecer a esperança de transformar os nativos em fiéis seguidores do catolicismo.

No primeiro ano, o de estruturação da missão brasileira, os jesuítas, mesmo percebendo qual seria a intensidade do trabalho necessário para a efetivação do ideal catequético, não tiveram grandes manifestações de desânimo e degradação, principalmente porque, naquele momento, pensavam que os ameríndios não apresentariam grande resistência à aculturação que pretendiam impor pacificamente, que eram apenas "crianças" que necessitavam do conhecimento cristão. Assim, no momento de implantação dos trabalhos notamos uma mescla de espanto, otimismo, vontade, capacidade de adaptação, que não deve ser confundida com capacidade de aceitação do outro, da diferença:

> Dormem em redes d' algodão junto ao fogo, que toda a noite têm aceso, assim por amor do frio, porque andam

> nús, como tambem pelos Demonios que dizem fugir do fogo. Pela qual causa trazem tições quando vão fóra. Esta gentilidade nenhuma cousa adora, nem conhece a Deus, sómente aos trovões chama Tupane, que é como quem diz cousa divina. E assim nós não temos outro vocabulo mais conveniente para os trazer ao conhecimento de Deus, que chamar-lhe Pae Tupane (NÓBREGA, 1988, p. 99).

Em carta de 1550, o Padre João de Azpilcueta Navarro, também expressa sentimentos semelhantes aos de Nóbrega:

> No anno de quarenta e nove vos escrevi, Irmãos caríssimos, e vos informei do fructo que se esperava nessas terras do Brasil não só com os gentios, mas ainda com os Christãos que aqui viviam em conformidade com elles e talvez em piores costumes, como ovelhas que não tivessem pastor que as pozasse no aprisco da vida chistã (NAVARRO , 1988, p. 75).

Nos primeiros momentos, os jesuítas estavam bastante otimistas quanto ao nativo e à sua conversão. O modo como viam os nativos, como papel branco que tudo aceitaria, e o comportamento imitativo dos indígenas, era o melhor sinal de que os mesmos seriam moldados ao bel prazer dos religiosos. Os padres e irmãos enxergavam os gentios como potencialmente cristãos, principalmente, por não se recusarem a ouvir e aceitar, de certa maneira, a conversão imposta através do batismo. Inicialmente a natureza dos nativos, ou a parte boa que compreendiam dela, poderia conduzi-los aos caminhos do cristianismo. A franqueza, a solidariedade e o desprendimento material dos nativos incentivaram os primeiros passos missionários.

A convicção de que bastaria a substituição de certas práticas para a conversão era parte do otimismo inicial que acompanhava os jesuítas, se os "maus" costumes existiam deveriam ser eliminados para a rápida concretização do trabalho de catequese. Quando os nativos abandonavam alguns costumes, ou os jesuítas acreditavam que os tinham deixado, os padres e irmãos se enchiam de esperanças com o futuro da "cristandade brasileira":

> E quis Nosso Senhor que em essas aldeias se tirasse o costume da matança e das festas de suas comidas, e destas tres ou quatro aldeias se escolheram alguns para se fazerem christãos que mostravam mais fervor e vontade, dos quaes alguns tornaram atraz, outros com grandes tentações

> permaneceram, porque adoeciam muitas vezes e morriam-lhes os filhos e outras provas que Nosso Senhor lhe fazia. E succedeu uma grande mortandade destes que tornaram atraz, por que assi pequenos, como grandes morriam e muitos mais dos pequenos (NAVARRO, 1988, p. 142).

Todavia, ao perceberam as primeiras resistências à imposição de novas regras sociais por parte dos indígenas, depositaram as suas esperanças na conversão dos pequenos. Foi à educação das crianças que recorreram ao notar que a tentativa de reeducar os pais através da catequese não surtira os efeitos desejados. Acreditavam que as crianças ainda não tinham sido corrompidas pelo ambiente pecaminoso de seus pais. Construiu-se, dessa maneira, uma política relativa às crianças que propagou ao longo do século XVI a idéia de que constituiria uma "nova cristandade". Os meninos seriam o "grande meio, e breve para a conversão do gentio" (LEITE, 1954, v. 2, p. 293).

Como as tentativas de catequese através dos meninos não foram totalmente satisfatórias e a missão brasileira não tinha alcançado os frutos esperados para o período, os jesuítas optaram por meios que poderiam ser mais vagarosos, mas, conforme acreditavam, mais eficazes. Assim, apesar de afirmarem em alguns momentos que os nativos tinham pouca notícia de Deus e, consequentemente, de suas leis para a organização moral do cotidiano, buscaram semelhanças na religiosidade e na cultura indígena, com o objetivo de facilitar a assimilação da cultura católica européia, como uma espécie de catalisador.

Foi essa forma de apropriação da cultura desconhecida, sem dúvida, a maior revelação da ousadia e da capacidade criativa dos jesuítas para efetivar a conversão. Através da interpretação, mesmo que precipitada, da cultura dos nativos – que os portugueses de maneira generalizada chamavam de Tupi – os missionários conseguiram aí encontrar rudimentos da fé cristã, que, segundo eles, teriam sido apagados pelo tempo, mas que poderiam atuar como pontes para se chegar até o índio. Daí, por exemplo, os mitos indígenas terem fornecido as bases para as suas pregações:

> Mas elles tienen tan poca noticia de Dios, que me parece que se há de tener mucho trabajo, y una de las causas y más principal es porque tienen rey, antes en cada Aldeia y casa ay su Principal (LEITE, 1954, p. 231).

> Nenhuma criatura adoram por Deus, somente os trovões

> cuidam que são Deus, mas nem por isso lhes fazem honra alguma, nem comumente têm ídolos nem sortes, nem comunicação com o demônio (ANCHIETA, 1933, p. 331).

As semelhanças encontradas e apropriadas foram: a crença na imortalidade da alma, a oposição entre o bem e o mal e o medo que tinham os índios de certas entidades tidas como demoníacas, a veneração de Zomé, que os religiosos acreditavam ser São Tomé, santidade que teria deixado marcas de sua passagem pela Bahia e histórias que falavam de um dilúvio que, obviamente, foi associado ao Dilúvio de Noé.

Todos os esforços na tentativa de uma aproximação cultural, entretanto, não surtiram as reações esperadas, pois mesmo quando pareciam aceitar a fé católica, os indígenas seguiam praticando seus antigos costumes, julgados altamente pecaminosos pelos jesuítas. A procura de semelhanças culturais foi uma tentativa de contornar os primeiros fracassos e mascarar o desânimo presente desde o momento em que perceberam que o trabalho tomava um rumo distinto do planejado. Perceberam que nenhum dos outros povos com os quais mantinham contato serviria como parâmetro para classificar o indígena brasileiro – povos mais desenvolvidos, com maior aparato institucional, que eram assimilados mais facilmente.

Diante de todos esses entraves, gradualmente, os jesuítas perceberam a dificuldade de se ver efetivados a adoção do modo de vida cristão e a inserção dos indígenas na sociedade colonial ainda em construção. A constatação da impossibilidade em enquadrar o nativo foi acompanhada de uma modificação do discurso catequético: gradativamente, os escritos começaram a revelar um novo plano para a conversão, centrado na sujeição física do nativo.

Os missionários, tomados por angústia, viram-se em uma encruzilhada onde uma das alternativas era a desistência e a outra, a mudança de estratégia. Apesar de todos os esforços e dos métodos empregados no processo catequizador, os jesuítas sentiram necessidade de uma ajuda externa e mais poderosa. Antes de demonstrarem em seu discurso o desânimo em relação ao trabalho missionário e a degradação da humanidade dos indígenas, os membros da *Companhia de Jesus* buscaram nos aldeamentos mais uma alternativa para seu trabalho. Desejavam, como não conseguiram de outra forma, sujeitar

o nativo através da coação, do medo, nem que para isso tivessem de utilizar, com o auxílio do exército português, a força. De acordo com Anchieta (1933, p. 45), "certamente muito pouco fruto se pode colher deles, se a força e o auxílio do braço secular não acudirem para domá-los e submetê-los ao jugo da obediência". Além disso, o autor afirma:

> Parece-nos agora que estão as portas abertas nesta capitania para a conversão dos gentios, se Deus Nosso Senhor quiser dar maneira com que sejam postos debaixo de jugo, porque para este gênero de gente não há melhor pregação do que espada e vara de ferro, na qual mais do que nenhuma outra é necessário que se cumpra o compelle e o intrare (ANCHIETA, 1933, p. 186).

Os jesuítas resolveram seguir Tomás de Aquino, para quem os pagãos seriam convertidos através da persuasão, único instrumento justo de conversão, pois a falta de fé era considerada um defeito da razão, que deveria ser corrigido de qualquer forma. Dessa maneira, com o intuito de persuadir os nativos a adotarem um modo de vida totalmente católico, o líder da missão brasileira, padre Manoel da Nóbrega, apresentou, por volta de 1556, a política dos aldeamentos, como solução para o problema da conversão, que ainda não tinha atingido os objetivos idealizados.

As novas posições adotadas pelos jesuítas, que culminaram na imposição dos aldeamentos como única forma possível para a concretização do processo de aculturação, foi resultado direto de um processo de racionalização (VAINFAS, 1989, p. 115). Os questionamentos gerados pelas tentativas fracassadas, ou qualitativamente inexpressivas, encaminharam para a tomada de posturas mais rígidas e pouco favoráveis à cultura nativa. A partir de então, os aspectos tidos como *positivos* da cultura dos indígenas passaram a serem ignorados. As experiências negativas convenceram os padres de que, para colher os resultados esperados, seria útil isolar o nativo do colono e de sua ganância, valorizando, mais uma vez, o exemplo dado pelos homens da *Companhia de Jesus* (ABREU, 1976, p. 163). O plano dos aldeamentos foi, assim, um plano político, pois visava à ordenação daquilo que impedia o trabalho catequético e, consequentemente, segundo a perspectiva jesuíta, o desenvolvimento da sociedade colonial (ABREU, 1976, p. 114).[3]

[3] "O plano idealizado por Nóbrega marca uma série de alterações na política jesuítica, sendo a primeira delas representada pela criação dos aldeamentos" (ABREU, 1976, p. 114).

Após anos de trabalho, os religiosos concluíram que a catequização pelo convencimento era totalmente inviável, ou seja, apenas por intermédio da pregação os missionários não alcançariam seus objetivos. A concretização do ideal missionário da *Companhia de Jesus* se faria por duas medidas: repressão implacável aos costumes intoleráveis e concentração dos catecúmenos em aldeamentos organizados pelos religiosos. Os padres e irmãos da *Companhia de Jesus* destacaram a crueldade que viam nas reações do gentio não apenas porque não se enquadravam ao modo de vida cristã, mas, também, para legitimar os meios utilizados no trabalho de catequese:

> Entendo por experiência o pouco que se podia fazer nesta terra na conversão do gentio por falta de não serem sujeitos e ele ser uma maneira de gente de condição mais de feras bravas que de gente racional e ser gente servil que se quer por medo e sujeição (LEITE, 1954, p. 412).

A reclusão dos indígenas em um local organizado e administrado pelos homens da *Companhia de Jesus* atendia, ao menos no Brasil, especificamente a três objetivos. Em primeiro lugar, isolar os índios tidos como "mansos".[4] Em segundo, os aldeamentos ampliavam a área habitada, dificultando a fuga para a floresta dos escravos africanos. E, por último, era interessante para as autoridades e a população em geral a presença dessa mão-de-obra nas proximidades para atender a qualquer eventualidade. No entanto, o maior propulsor para a manutenção dos aldeamentos era, sem dúvida, o religioso, uma vez que a desestruturação da unidade sociocultural indígena tornava-os mais permeáveis à catequese.

Consolidou-se, então, entre os jesuítas, a convicção de que todos os impedimentos para a conversão seriam removidos se ocorresse a sujeição do gentio com a ajuda da força da Coroa. Os padres e irmãos compreenderam que a catequização seria impossível e todo o trabalho vão se os indígenas não fossem isolados do meio em que viviam e rigorosamente orientados pelos jesuítas. Julgaram, enfim, que a legitimação da autoridade, através do consentimento gerado pelo medo, seria a melhor forma de "conduzir" os nativos a viverem sob a lei cristã:

[4] Mansos, como eram chamados os ameríndios, quer dizer "domesticados".

> Gonçalo Alves: - Dissemos, isto, sou tão descuidado, que logo me esquece que esperaes, como vos louvam, como o fio quente, quando o batem; eu me guardarei de vos dar mais martelada, porque me não queime, por amor de Deus, que me digas algumas das razões, que os padres dão para estes gentios virem a ser christãos, que alguns têm acertado, que trabalhamos debalde, ao menos até que este gentio não venha a ser mui sujeito, e que com medo venha a tomar fé (NÓBREGA, 1988, p. 235).

> Todos estes impedimentos e costumes são mui faceis de se tirar se houver temôr e sujeição, como se viu por experiência desde o tempo do governador Mem de Sá até agora, porque com os obriga a se juntar e terem igreja, bastou para receberem a doutrina dos padres e perseverar nela até agora, e assim será sempre, durante esta sujeição, havendo residencia de mestres com eles que os não deixem cair por sua natural frieza (ANCHIETA, 1933, p. 333).

Os jesuítas agarraram-se tão firmemente ao projeto dos aldeamentos e aos benefícios que viam nessa medida que enxergavam um forte desejo de adesão por parte dos catecúmenos e afirmavam que estes pediam para viverem sob a proteção dos padres e irmãos:

> Da terra à dentro doze leguas desta povoação me vieram pedir para se ajuntarem dose povoações em uma e mandaram nesse entretanto aqui os filhos. Essa povoação, que disse que está daqui oito leguas, sera logo junta com mui pouco trabalho, por que daqui onde estou tenho que fazer que se ajuntem, mandando chamar os principais (NAVARRO, 1988, p. 323).

> Nesta povoação há grande quantidade Indios, porém ainda não estão todos juntos e portanto não se manda o numero delles, porém são 13 ou 14 aldeias as que hão de ajuntar em uma povoação. É para louvor do Senhor como se gosam com a vida que se lhes propõe e com a doutrina que se lhes ensina (NAVARRO, 1988, p. 326).

A proposta dos aldeamentos marcou definitivamente a política de trabalho dos jesuítas no Brasil. Foi criado um espaço para a estruturação de uma nova cultura. Dessa forma, após a implantação dos aldeamentos, os homens da *Companhia* envolveram-se intensamente na administração desses novos locais de catequese, acreditando ser

a melhor solução para os indígenas, os colonos e os clérigos, enfim, para todo o corpo da sociedade colonial. Nessas localidades, os jesuítas poderiam catequizar os nativos mais rapidamente, isolando-os dos maus exemplos e exploração dos colonos, além de limitar o espaço físico que ocupariam, liberando áreas para a agricultura e a expansão de vilas e cidades, adequando-os às formas ditas "civilizadas" de economia e convívio social.

Em suma, a última tática jesuítica de conversão impunha uma nova organização social e territorial, e passava por uma nova atitude em relação ao corpo e a habitação, como o uso de roupas, a proibição dos adereços e a eliminação das antigas casas. Um novo entendimento de Deus e uma nova sistemática de hábitos que conformariam outro cotidiano eram colocados para os nativos. Impuseram, assim, regras para os relacionamentos sexuais e matrimoniais, e desejavam também uma nova sistemática para a educação das futuras gerações.

Um dos fatores utilizados pelos jesuítas para justificar a adoção dessas táticas, foi o fato de que os maus hábitos, como um todo, não seriam afetados, de acordo com os padres, pelas estratégias utilizadas até então. Os índios seguiam, mesmo diante de todas as proibições, praticando seus antigos costumes – o que conduziu a um aumento dos comentários degradantes acerca dos nativos nos relatos da *Companhia*. Os jesuítas começaram a não ter pudores em admitir que os mesmos seres que concebiam como crianças "inocentes", que necessitavam de ajuda e educação, haviam se transformado em verdadeiros monstros capazes de aliarem-se ao Demônio para impedirem à expansão do catolicismo europeu (NAVARRO, 1988, p. 154).[5] O agrupamento não afastou desses homens as tentativas de minar as expectativas jesuíticas.

Mesmo após a sistematização dos aldeamentos e a imposição de todas as modificações ao cotidiano indígena, os jesuítas prosseguiram na detração do nativo: a sua reclusão em um espaço de convivência amplamente católico não afastou a imagem muito próxima da animalidade presente, ha algum tempo, nos relatos jesuíticos. O relativo sucesso alcançado pela adoção de novas normas de organização

[5] "Assim, o índio é inicialmente, um gentio, passadas algumas décadas do primeiro contato, o índio é um pecador arrependido, em seguida, ele é representa Lúcifer, ser demoníaco" (NAVARRO, 1988, p. 154).

socioculturais, não fez os jesuítas abandonarem a figura do indígena como ente inconstante, incapaz de compreender a religião católica, de abandonar seus antigos costumes e de assumir a humanidade trazida pelos ensinamentos cristãos:

> D'este mesmo odio que se têm ao Gentio, nasce não lhe chamarem sinão cães, tratarem-nos como cães, não, olhando o que dizem os Santos que a verdadeira justiça tem compaixão e não indignação, e quanto maior é a cegueira e bruteza do Gentio e sua erronia, tanto se mais havia o verdadeiro Christão apiar a ter delle misericordia, e ajudar a remediar sua miseria quanto nelle fose, à imitação daquelle Senhor (NÓBREGA, 1988, p.197).

Destarte, no final do século XVI, os jesuítas portugueses haviam, majoritariamente, abandonado as posturas dos missionários que os inspiraram nas décadas iniciais de sua expansão pelo mundo. O cotidiano brasileiro colocou-os diante de situações – ocasionadas pelo contato de culturas distintas – que não estavam previstas nas regras de Loyola e nem faziam parte do campo de possibilidades do pensamento jesuítico da época. As contendas do dia-a-dia, as desventuras da conversão e a resistência indígena conduziram o missionário a cogitar a inviabilidade da catequização dos ameríndios. Ocorreu uma verdadeira alteração da moral jesuítica nas colônias e a missão em território brasileiro foi obrigada, em virtude de certas peculiaridades, a adaptar-se e a tornar-se um tanto quanto pragmática.

Esperamos, com esse artigo, ter demonstrado minimamente como os impactos do ambiente sociocultural brasileiro promoveram deslocamentos nas ações da *Companhia de Jesus* e na sua maneira de enxergar o nativo do território brasileiro, bem como de conceber a sua conversão à cultura católica européia.

Referências Bibliográficas

ASUNÇÃO, P. *A terra dos Brasis*: a natureza da América portuguesa vista pelos primeiros jesuítas (1549-1596). São Paulo: Annablume, 2001.

AZEVEDO, J. L. de. *História de Antônio Vieira*. 3ª ed. [s.l.]: Clássica Editora, 1992.

_____. *Os jesuítas no Grão-Pará*. Suas missões e a colonização. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930.

BOXER, C. R. *A Igreja e a expansão ibérica (1440-1770)*. Lisboa: Edições 70, 1978.

EISENBERG, J. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno*. Encontros culturais, aventuras teóricas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

GALVÃO, B. F. R. O Púlpito no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico,* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, tomo 92, v. 146, 1926.

GAMBINI, R. *O espelho índio*. Os jesuítas e a destruição da alma indígena. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1988.

HANSEN, J. A. *A sátira e o engenho*. Gregório de Matos e a Bahia dos séculos XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HAUBERT, M. *Índios e jesuítas no tempo das missões*. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

HOORNAERT, E. *A Igreja no Brasil-Colônia (1550-1800)*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____.*Formação do catolicismo brasileiro*: 1500-1800. Ensaio de interpretação a partir dos oprimidos. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____ et al. *História da Igreja no Brasil*. Ensaio de interpretação a partir do povo. Primeira Época. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

LEITE, S. (Org.) *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1954. 3v.

_____. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938-1949. 10 v.

_____. *Novas cartas jesuíticas (de Nóbrega a Vieira)*. [s.l.]: Companhia Editora Nacional, 1940.

MASSIMI, M. *Palavras, almas e corpos no Brasil colonial*. São Paulo: Loyola, 2005.

NEVES, L. F. B. *O combate dos soldados de cristo na terra dos papagaios*. Colonialismo e repressão cultural. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

NÓBREGA, M. da. *Cartas do Brasil e mais escritos: 1549- 1560*. São Paulo: EdUSP, 1988.

PAIVA, J.M. de. *Colonização e catequese*. São Paulo: Cortez, 1982.

RAMINELLI, R. *Imagens da colonização*: a representação do índio de Caminha a Viera. São Paulo: EdUSP, 1996.

Artigo recebido em agosto 2007 e aceito para publicação em novembro2007.